

O ANO DE GRACILIANO

EM SEU CENTENÁRIO DE NASCIMENTO, O AUTOR DE VIDAS SECAS É HOMENAGEADO COM MOSTRA DE FILMES E DEBATES

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

O escritor Graciliano Ramos, que se vivo fosse faria 100 anos no próximo dia 27 de outubro, será lembrado — em Brasília — de segunda a sexta-feira, com sessões de cinema, palestras, debates, recital, lançamento de número especial do jornal *Fogo Cerrado* e sessão especial no Congresso Nacional.

Tudo vai começar depois de amanhã, às 15h00, com a exibição do filme *Memórias do Cárcere*, de Néelson Pereira dos Santos, no Cine Brasília. Na quarta-feira, o Congresso Nacional será palco, às 11h00, de sessão solene, que contará com saudações do alagoano Teotônio Vilela Filho, pelo Senado; e o pernambucano Roberto Freire, pela Câmara dos Deputados. Após a sessão, o compositor Guilherme Vaz vai mostrar o recital *Música em Ação*, tendo como *partner* o ator Joel Barcelos, que lerá trechos do escritor das Alagoas, nascido em Quebrangulo e que — ironicamente — tornou-se conhecido por "escrever bem demais", levando-se em conta que era apenas um entre muitos prefeitos do interior nordestino.

Em 1929, o então titular do Executivo de Palmeira dos Índios enviou relatório das mazelas de seu município ao governador Álvaro Paes. O documento chegou ao conhecimento do editor Frederico Schmidt, que logo suspeitou da existência, por trás da linguagem relatorial, de romance entranhado em muda gaveta. Não estava enganado. No ano anterior, Graciliano havia concluído *Caetés*. Um romance que mais tarde ele tomaria como imperfeito. Isto, se confrontado com as enormes qualidades de *Angústia* (36) e *Vidas Secas* (38).

Cinema — A parte mais atrativa da Semana Graciliano Ramos acontecerá no Cine Brasília. Lá, além de *Memórias do Cárcere*, serão exibidos mais dois filmes da lavra de Néelson Pereira dos Santos, que tem o escritor como um de seus "deuses" particulares: *Vidas Secas*, de 1964, e *Insônia*, de 1985. Este filme, em episódios, tem ainda dois autores: o baiano Luiz Paulino dos Santos e o paraibano Emanuel Cavalcanti.

Memórias fará jus a nove sessões (vale lembrar que o filme tem quase três horas de duração) distribuídas por três dias (segunda, terça e quinta). *Vidas Secas* terá quatro sessões na quarta-feira, e *Insônia*, outro tanto, na sexta. Faltarão um filme para completar a mostra — *São Bernardo*, de Leon Hirszman (1972). Pasmem: a obra completa de Hirszman está em processo de recuperação na Cinemateca Brasileira. Faltam recursos e "a única cópia disponível de *São Bernardo* está em exibição em Portugal". Por sorte, o filme foi lançado em vídeo e pode ser encontrado no mercado.

Os três filmes programados só chegarão à tela do Cine Brasília por

que São Néelson Pereira dos Santos, com sua calma santa, acredita no produtor José Pereira, da Idade Média, uma das figuras mais controversas da cidade. E por acreditar em *Pe-reirinha*, providenciou cópias de *Memórias*, *Vidas Secas* e do complicadíssimo *Insônia*.

Senão confirmam: *Memórias do Cárcere* (84) é uma produção de Luiz Carlos Barreto, que conquistou o Prêmio da Crítica no Festival de Cannes. Quando voltou ao Brasil com a láurea debaixo do braço, o País vivia maré baixa. As bilheteiras do cinema nacional andavam combalidas. Ao invés de alcançar os cinco milhões de espectadores que merecia, o filme só rendeu 900 mil ingressos. E três processos: um do ator principal (Carlos Vereza, um magnífico e seco Graciliano), contra *Barretão* por causa de uso de foto de cena do filme (com sua imagem), em livro da Editora Record; dos herdeiros de Graciliano (dona Heloísa e Ricardo, morto no último 20 de março, exatos 39 anos depois do pai) pelos 5% a que têm direito pela renda bruta da produção; e da Rede Globo que, pelo sistema de permuta, trocou publicidade do filme pelo direito de exibí-lo como minissérie. Néelson não aceitou o negócio e *melou* o acordo de *Barretão* com a emissora.

O produtor que anda polemizando com o cineasta pelos jornais (assumiram posições antagônicas frente à Lei Marota, da Secretaria de Cultura da Presidência da República) carrega os três processos nas costas. Néelson, por sua vez, segue seu caminho e planeja dirigir, para a Manchete, duas minisséries inspiradas na obra de seu autor de cabeceira. Trouxe *Memórias* e *Vidas Secas* debaixo do braço e vai acompanhar, na cidade, a Semana Graciliano Ramos. Mas o feito maior de Néelson é trazer *Insônia* a Brasília. Afinal, o filme é produto de uma confusa (e amadora) Cooperativa de Atores e Técnicos, criada no Rio de Janeiro, no início dos anos 80.

Inédito — Otávio Augusto, Jaime del Cueto, Luiz Paulino, Emanuel Cavalcanti e um grande número de profissionais resolveram lançar mão de alguns dos contos de *Insônia* e transformá-los em filme. Para tanto, procuraram Néelson Pereira dos Santos, gracilianista de carteirinha. O cineasta aceitou o desafio e levou o projeto a dona Heloísa Ramos. Ela aprovou — no escuro — o seu roteiro e pediu para ler os de Paulino e Cavalcanti. Afinal, há que se registrar, dona Heloísa zela, com rara competência, pelo patrimônio literário do marido.

Com a autorização de dona Heloísa, o filme foi realizado. Três episódios o compõem: *Dois Dedos*, drama de um médico que resolve visitar amigo de infância, recém-eleito governador, e é solenemente ignorado; *A Prisão de J. Carmo Gomes*, narrativa da prisão de um intelectual e militante comunista (tudo indica que Prestes foi o modelo do escritor), e



Graciliano Ramos: o burocrata que se transformou num dos maiores escritores brasileiros

Um Ladrão, episódio quase sem diálogos que enfoca as angústias de um ladrão. Após invadir uma casa, o homem não consegue abandoná-la com o produto do roubo.

Concluído, *Insônia* encalacrrou-se numa disputa entre seus produtores e pediu para ler os de Paulino e Cavalcanti. Afinal, há que se registrar, dona Heloísa zela, com rara competência, pelo patrimônio literário do marido.

Vidas Secas, o segundo filme da mostra (quarta-feira) é um clássico. Junto com *Deus* e *o Diabo na Terra*

de Gláuber Rocha, e *Os Fuzis*, de Ruy Guerra, constitui-se o que se convencionou chamar a "Santíssima Trindade" do Cinema Novo. Seco, magnificamente fotografado pelo diabólico Luiz Carlos Barreto (com a luz estourada da caatinga nordestina), o filme narra a saga migratória de Sinhá Vitória (Maria Ribeiro), Fabiano (Átila Iório), o menino maior, o menino menor e da cachorra Baleia (animal de estimação do hoje cineasta Bruno Barreto). Um crítico alemão, ao ler o livro de Graciliano, viu nele uma revivência da saga bíblica de Adão e Eva, expulsos do paraíso. Uma metáfora profunda demais (apesar de magnífica) para explicar as camadas mais profundas do universo ficcional do ateu Graciliano, militante convicto do outrora poderoso Parti-

do Comunista Brasileiro.

No Congresso — Para Roberto Freire (ex-PCB, hoje no PPS), Graciliano Ramos é "uma das maiores expressões da intelectualidade brasileira. Além de escritor de renome internacional foi ativista social e militante comunista". Para ele, a Semana dedicada ao escritor "ajuda a resgatar sua obra, na ocasião do centenário de seu nascimento". E, acrescenta, "resgatar sua obra é resgatar um pouco da história de nosso País".

Freire, aliás, apresentou, na Câmara dos Deputados, a pedido da bancada alagoana do antigo *Partidão*, projeto de lei que transforma 1992 no "Ano Graciliano Ramos". Por isso, participa, com alegria cívica, das homenagens ao escritor.

Teotônio Vilela Filho, conterrâneo de Graciliano, releva no escritor "a sua paciência de sofrido artesão da palavra, que publicou a contragosto obras-primas como *Angústia*, sem a última e impiedosa revisão que a reduziria a um terço do seu volume". O senador lembra que "Graciliano nos deixou exemplo vivo do administrador que imprimiu, à função pública, a dignidade que a sociedade reclama e soube cercar seus gestos e postura da austeridade que negava, por exemplo, o *arranjo* de um mero exame escolar de segunda época para a sobrinha de um militar inconformado — aliás o mesmo que, poucos anos depois, iria prendê-lo". Por fim, Teotônio lembra que "Graciliano soube entrar na história de Alagoas como administrador capaz, escrupuloso, mas sobretudo impregnado do sentido da coisa pública, um exemplo mais que atual. E raro, desgraçadamente raro".

O senador pernambucano Marco Maciel, que apóia a Semana Graciliano (promoção da Idade Média, com retaguarda do Departamento Cultural do Sindilegis e grana da CEF e Banco do Brasil), lembra que "o autor de *Vidas Secas* confessou certa vez a uma amigo que gostaria de viver apenas 57 anos. Para ele seria o tempo suficiente. Viveu alguns anos mais. Faleceu aos 61". Ainda bem — pondera o senador. "Assim, a literatura brasileira enriqueceu-se com mais alguns escritos de reconhecimento internacional, extraídos do âmago da fase pessimista do brilhante alagoano". E arremata: "Com ele compartilho a identificação do Nordeste, a criação rústica que traz lembranças como as que ele narra em *Infância*: Meu avô paterno, dele ficaram notícias vagas e um retrato desbotado no álbum que se guardava no baú...".

Literatura — A obra de Graciliano será analisada em três encontros (de quarta a sexta, na Sala Alberto Nepomuceno, 18h30). A primeira palestra colocará dois cineastas analisando a visualidade da ficção *gracilianica* — o próprio Néelson e o paraibano Vladimir Carvalho, que com *O País de São Saruê* construiu seu retrato de vidas secas.

Para mergulhar na criação literária de Ramos, foram escalados a professora da UnB, Aglaeda Facó Ventura, que tem o escritor de Quebrangulo como um dos mestres da narrativa brasileira, ao lado de Guimarães Rosa e Machado de Assis, e o poeta Belizário Nunes, autor de *Cartão de Natal*. Encerram o pequeno ciclo de debates mais dois professores da UnB — Cassiano Nunes e Milton Cabral. Eles vão analisar *A "Arte Pobre" de Graciliano Ramos*.

Quem quiser ler mais sobre Graciliano disporá de um número especial do jornal *Fogo Cerrado*, com dezenas de artigos sobre os romances, contos, memórias e opiniões do autor da saga da gente de vida seca.

PROGRAMAÇÃO

Segunda e Terça-feira

— *Memórias do Cárcere*, de Néelson Pereira dos Santos, com Carlos Vereza e Glória Pires. Sessões às 15h00, 18h00 e 21h00 (Cine Brasília)

Quarta-feira

11h00 — Sessão solene no Congresso Nacional, com discursos de Roberto Freire e Teotônio Vilela Filho

12h00 — Recital de música e texto, com Guilherme Vaz e Joel Barcelos (no Salão Negro)

18h00 — *Vidas Secas*, de Néelson Pereira dos Santos, no Cine Brasília (novas sessões às 18h00, 20h00 e 22h00)

18h30 — Abertura do ciclo de palestras e debates sobre Graciliano — Debates com Néelson Pereira dos Santos e Vladimir Carvalho sobre *A Recriação Cinematográfica da Obra do Escritor Alagoano* (Sala Alberto Nepomuceno)

Quinta-feira

15h00, 18h00, 20h00 — *Memórias do Cárcere* (no Cine Brasília)

18h30 — Palestra e debate sobre *A Literatura de Graciliano Ramos*, com Aglaeda Facó Ventura e Belizário Nunes

Sexta-feira

16h00, 18h00, 20h00 e 22h00 — *Insônia*, de Luiz Paulino dos Santos, Emanuel Cavalcanti e Néelson Pereira dos Santos (no Cine Brasília)

18h30 — Palestra e debate sobre *A Arte Pobre* de Graciliano Ramos, com Cas 'ano Nunes e Milton Cabral



Vereza interpretou Graciliano na autobiografia filmada *Memórias do Cárcere*, fita que será exibida numa mostra-homenagem